

EDITORIAL**Resoluções de ano novo para pesquisadores brasileiros**

A cada fim de ano pessoas de todo o mundo fazem listas com decisões para o ano seguinte. Esse não é um hábito recente. Desde que o imperador romano Júlio César definiu o primeiro dia de janeiro como o início no novo ano, em 46 a.C.¹, dedicando-o ao deus Jano, o senhor dos portões e das passagens, essa tradição tornou-se popular.

Apesar de se tratar de uma superstição, dada a forma artificial como os anos começam e terminam, fechamentos de ciclos auxiliam pessoas a significar experiências e lembrar fatos². Vivências pessoais e sociais são, com frequência, o gatilho para a liberação dos neurotransmissores que coordenam nossas emoções³, e o fim do ano é um dos ciclos sociais mais importantes. No organismo, os neurotransmissores atuam ao longo de 24 horas, podendo arrefecer ou intensificar nossas reações, influenciados por fatores cognitivos, pela capacidade de regulação emocional e por novas experiências².

A divisão da vida em períodos é uma forma de regulação emocional, que auxilia a mobilização de energia psíquica. A marcação de datas favorece a associação e memorização, incluindo a formação de memórias afetivas. Esse é o papel dos feriados, como o Natal, e saber disso ajuda os pesquisadores na investigação do aumento de casos de depressão sazonal e os riscos de suicídio nessa época⁴.

Também ajuda a entender o aumento da esperança observado a cada começo de ano. Portanto, apesar de ser uma prática derivada de uma superstição, esse texto traz o convite para que os pesquisadores brasileiros montem uma lista de resoluções de ano novo para 2023, considerando:

1. Aumentar a relevância da pesquisa brasileira: em 2020 o Brasil era o 13^o país no mundo em total de produções científicas e respondia por 56% dos artigos inéditos da América Latina⁵, mas sua influência científica não reflete o tamanho dessa produção. Há inúmeros aspectos contribuindo para isso, mas é preciso que os pesquisadores brasileiros pensem em como mostrar ao mundo a relevância do que é pesquisado no país. E essa maior visibilidade pode ocorrer por meio de parcerias com pesquisadores de outros países, em especial os que comungam com o Brasil o uso da língua portuguesa;
2. Melhorar o embasamento das investigações nacionais: para aumentar a relevância das pesquisas brasileiras no cenário mundial, cabe que algumas práticas ainda frequentes no país também sejam revistas. As revisões de literatura que embasam as investigações brasileiras

precisam ser aprofundadas e considerar, obrigatoriamente, o cenário internacional. Ainda que os temas investigados sejam locais ou de especial interesse brasileiro, ignorar as produções internacionais é um erro. Citar apenas autores nacionais contribui para que as produções não demonstrem sua relevância internacional, pois, assim, paralelos são estabelecidos, além de demonstrar que nossos pesquisadores fazem o que criticam em autores internacionais;

3. Conhecer os métodos adotados nas investigações: dada a recência da pesquisa no país, há, ainda, algumas práticas a serem combatidas na forma como se faz pesquisa no Brasil. Entre tais práticas destacam-se o uso de métodos que os pesquisadores não dominam em profundidade (por exemplo, pesquisadores que trabalham com métodos quantitativos que não sabem analisar dados estatísticos; ou pesquisadores que trabalham com abordagem qualitativa e deturpam as técnicas de organização e categorização de informações que alegam utilizar), autoplágio e apresentações de discussões frágeis, que apenas descrevem resultados e suas semelhanças com investigações anteriores, sem problematizá-los ou explicar porque ocorreram. As investigações conduzidas de forma incorreta são apenas opiniões disfarçadas de ciência;

4. Parar de “pessoalizar” ciência: essa meta não implica abraçar o paradigma clássico da neutralidade e desvalorizar o paradigma moderno. É, ao contrário, uma atenção que pesquisadores que adotam qualquer uma dessas compreensões se lembrem de que ciência pode ser feita sob mais de um olhar norteador e que diferente não significa inferior. Essa briga não precisa existir. Se um pesquisador não compreende as investigações feitas sob uma perspectiva distinta da sua, o método científico indica que ele busque referências para ampliar seus conhecimentos, não que assuma uma posição de fé de que apenas sua forma de trabalho tem valor;

5. Diferenciar revisor de consultor: reclamações sobre os prazos para receber os pareceres sobre os artigos submetidos para revistas científicas são frequentes e seguirão, enquanto os pesquisadores brasileiros insistirem em usar revisores de periódicos como consultores de pesquisa. A prática de submeter um artigo pouco detalhado e sem chance real de publicação contando em melhorá-lo com os comentários que receberá do parecerista lotam as revistas de submissões com pouca qualidade e ocupam um parecerista que poderia, de fato, contribuir com um texto que carece apenas do olhar dos pares para sua evolução. Se precisa de auxílio com a escrita, convide um colega com mais experiência ou contrate um consultor de pesquisa;

6. Divulgação: os pesquisadores brasileiros têm grande expertise para lidar com a falta de recursos. Aprenderam, infelizmente, porque o país não valoriza ciência ou seus cientistas. Mas

para que a pesquisa não seja extinta do país, também precisarão aprender a mostrar o processo científico e suas implicações para a vida da população geral. Esse passo pode ajudar na valorização da ciência no país e a proteger a população, que aprenderia a identificar *fake news* sobre tratamentos ineficazes e a não dar credibilidade a pseudociência e achismos divulgados por políticos, atores e *influencers* digitais.

Feitas as resoluções de ano novo, será vez de passar para ação e colocá-las em prática. A pesquisa brasileira agradecerá enormemente.

REFERÊNCIAS

1. Grimal P. A Civilização Romana. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições 70; 2019. 400p.
2. Lent R. Cem bilhões de neurônios?: conceitos fundamentais de neurociência. São Paulo: Ed. Atheneu; 2010. 800p.
3. Ekman P. A linguagem das emoções: revolucionando sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor. São Paulo: Lua de Papel; 2003. 288p
4. Fernández-Niño JA, Astudillo-García CI, Bojorquez-Chapela I, Morales-Carmona E, MontoyaRodriguez AA, Palacio-Mejia LS. The Mexican Cycle of Suicide: a National Analysis of Seasonality, 2000-2013. PLoS ONE [Internet]. 2016 [citado em 10 Jan. 2023]; 11(1): e0146495. DOI:10.1371/journal.pone.0146495
5. Righetti S, Gamba E. China passa EUA e lidera produção de ciência mundial pela primeira vez. Folha de São Paulo de 26 de janeiro de 2021 [citado em 10 Jan. 2023]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2021/12/china-passa-eua-e-lidera-producao-de-ciencia-mundial-pela-primeira-vez.shtml#:~:text=0%20Brasil%20ocupa%20o%2013%C2%BA,em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20ao%20ano%20anterior.>

 **Sabrina Martins Barroso**

Psicóloga. Doutora em Saúde Pública. Professora Associada do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Uberaba/MG, Brasil.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons